

ENSINO, MULTIMÍDIA E GLOBALIZAÇÃO¹

Fluxos de informação no mundo globalizado aprofundam desigualdades entre os hemisférios Norte e Sul, tornando mais urgentes medidas no sentido de uma educação voltada para a formação da cidadania e para a reflexão crítica e criativa

Educação para os Meios é uma área de estudos com mais de 40 anos de tradição. Tem adquirido diferentes características em cada região do planeta, ao longo de sua história. Para uns tem sido o ensino da Comunicação, para outros o ensino *de e com* os meios de comunicação, a alfabetização audiovisual, o estudo da cultura, o estudo da recepção, a formação das audiências etc.

Até os anos 70 esta disciplina ora centrava-se no estudo da imagem cinematográfica, ora no estudo da comunicação. Nesse período se começava a tratar, também, do estudo da cultura popular nos contextos corporativos.

Em meados dos anos 70, a Unesco reuniu especialistas de diferentes países com o fim de estudar o mundo da educação

e o mundo da comunicação. O resultado desse encontro foi a publicação de *A educação em matéria de comunicação*, um documento que se pode considerar fundador para a Educação para os Meios.

Em todos estes anos, a Educação para os Meios se viu enriquecida com as contribuições das Teorias dos meios de comunicação, da Semiótica, da Análise de Recepção, da Produção e Indústria dos Meios, da Pedagogia Crítica, da Estética, da Ética etc.

Serão essas contribuições suficientes para o desenvolvimento de nossa disciplina nestes momentos de globalização que vivemos em escala planetária? Quais são alguns dos indicadores aos quais deveríamos atender nos próximos anos? Quais são as necessidades? De que maneira formar para a cidadania em um contexto em que predomina o econômico sobre o político ou sobre o social? De que instrumentos devemos prover os futuros formadores? O que deve fornecer e propor uma Educação para os Meios em um mundo globalizado?

O AUTOR

Roberto Aparici

Professor Doutor da Universidade Nacional de Educação a Distância – UNED, Espanha.
e-mail: rparici@sr.uned.es

1. *Educación para los medios en un mundo globalizado* (Educação para os Meios em um mundo globalizado) é o título original deste trabalho, apresentado no I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação – *Multimídia e Educação em um Mundo Globalizado* –, em maio de 1998, São Paulo, Brasil, organizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação, CCA-ECA-USP e pelo World Council for Media Education.

A informação e a comunicação são formas de organização do mundo, possibilitando que as diferentes sociedades estejam a cada dia mais interconectadas entre si.

Para Régis Debray², cada passo adiante na unificação econômica do mundo suscita como compensação um passo atrás no plano cultural e político. Assinala que a técnica obriga a uniformizar as mensagens. Uma hegemonia política e econômica em escala mundial supõe a eliminação de olhares diferentes. Caberia perguntar, então: existe, hoje em dia, o direito de fazer circular várias visões do mundo ou uma só?

INTERNACIONALIZAÇÃO, MUNDIALIZAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO

O conceito de globalização da economia implica também a mundialização dos intercâmbios culturais. Esta concepção será causa de novas exclusões, a partir da qual umas quantas megalópolis situadas, em geral, no Norte, distribuem a maior parte da massa informativa em grau ainda superior ao que realizam agora. Mattelart, nesse sentido, assinala que “a globalização não é incompatível com o aumento das desigualdades”³.

O fenômeno da globalização da economia e das comunicações reduz a eficácia das políticas nacionais. O econômico determina qualquer tipo de ação. O poder político torna-se subordinado ao poder econômico.

Cada um desses termos implica um grau maior de amplitude de uma ação ou

de um fenômeno. A passagem da internacionalização das economias e das comunicações para sua globalização revela não só as relações de determinados países entre si, como também a relação deles com todos os demais. Seria necessário perguntar se esta relação entre todos é simétrica ou se diz respeito apenas a uns poucos que se posicionam no mercado mundial a partir de uma estratégia econômica específica.

Na década de 60, McLuhan cunhou a expressão *aldeia global*⁴, mas esta idéia ou concepção só começa a impor-se no fim dos anos 80, com a globalização da economia. O ponto de vista de McLuhan, porém, era diferente do que entendemos hoje em dia por globalização, tratava-se da perspectiva de um visionário e de um romântico.

Para Mattelart, a idéia de globalização é “própria dos especialistas de *marketing* e gestão, e acaba por se constituir na estrutura básica para interpretar o mundo e o fundamento da nova ordem mundial que se está gestando”⁵. O local, o nacional e internacional eram considerados três níveis distintos. A representação do mundo global elimina estas três divisões. Nesse sentido, pode-se dizer que toda empresa-rede no mercado mundializado é ao mesmo tempo global e local. Pela primeira vez na História da humanidade tudo se pode fabricar em qualquer lugar e vender-se por todas as partes. A globalização pode ser resumida como uma política de *tudo no mercado* e esta filosofia neoliberal alcançou também a educação.

2. DEBRAY, R. *El Correo de la Unesco* (O Correio da Unesco). Paris, fev. 1995. (Entrevista.)

3. MATTELART, A. *Una comunicación desigual* (Uma comunicação desigual). *El Correo de la Unesco*. Paris, fev. 1995.

4. Para saber mais sobre o assunto: McLUHAN, H. M. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro: Record, 1971.(N.Ed.)

5. MATTELART, A. *Una comunicación... op. cit.*

GLOBALIZAÇÃO E SISTEMAS EDUCATIVOS

Os primeiros sinais de globalização em contextos educativos se produzem nos séculos XVIII e XIX, quando as potências coloniais transferiram e impuseram seus sistemas educativos a outros países. Neste sentido, Noel F. McGinn afirma que “antes da atual globalização, todos os povos do mundo se viram afetados pelos valores ocidentais e pela penetração de forças econômicas externas. Todos os Estados nacionais já existentes antes de 1945 possuíam um sistema de educação com objetivos, estruturas e conteúdos claramente similares aos dos demais países”⁶.

Pode-se falar de uma educação autenticamente brasileira, argentina, australiana, sul-africana, filipina ou guineense? Esses, como tantos outros países, não armaram seus currículos à imagem e semelhança do modelo francês, inglês ou espanhol? Antes de que se generalizasse o fenômeno da globalização no campo econômico e no das comunicações, não se havia iniciado já a adoção, em muitos países, de certos padrões educativos similares aos dos norte-americanos?

É importante destacar que a maioria dos países que tiveram sua independência depois de 1945 trataram de desenvolver os sistemas instalados por suas respectivas potências coloniais, modificando apenas seus conteúdos ou processos.

Frente a uma forma de imposição de normas e valores herdados da relação de dependência com os países de origem, as novas formas de globalização, neste fim de século, diferenciam-se pela pressão que organizações econômicas distintas exercem em diferentes Estados, com a finalidade de levá-los a reduzir gastos em educação e serviços sociais.

Ao mesmo tempo, apresenta-se a privatização dos espaços públicos como solução para qualquer problema. É por isso que se pretende privatizar tudo, inclusive a educação ou serviços vinculados a ela. As decisões orçamentárias se realizam em função do custo-eficácia e da rentabilidade imediata. A educação, na perspectiva da nova ordem econômica mundial, é considerada como uma fonte de gasto. Que critérios se exigem da escola para adequá-la aos planejamentos economicistas que caracterizam o mercado mundial?

São três os critérios sobre os quais se pretende formar em escala mundial: eles se baseiam em competitividade, rendimentos e rentabilidade.

O predomínio desses critérios sobre outros leva a um segundo plano os aspectos sociais, culturais e humanos. Em síntese, o tipo de formação que se busca é aquele que resulta em indivíduos competitivos, eficazes e rentáveis.

DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO

A educação enfrenta uma nova encruzilhada ante um projeto econômico de alcance planetário, cujo motor são as tecnologias da informação e da comunicação. Ao mesmo tempo em que deve responder às necessidades econômicas da sociedade, a educação deve considerar uma formação para a convivência, a reflexão e a crítica. Por isso, um processo de formação não meramente economicista deve atender à:

- construção de uma sociedade produtiva que também seja justa e coesiva;
- formação para a cidadania local e global.

6. MCGINN, N. F. *El impacto de la globalización en los sistemas educativos nacionales* (O impacto da globalização nos sistemas educativos nacionais). **Perspectivas**. Bruselas: Unesco. Oficina Internacional de Educación, n. 101, mar. 1997.

A partir dessa perspectiva, compete à escola prover os alunos dos elementos necessários para compreender, analisar, refletir e criticar os fenômenos que caracterizam a cultura da globalização.

Os jovens são os que mais utilizam as novas tecnologias, porém o seu uso é mais de caráter lúdico que reflexivo. Por isso, a escola deve oferecer elementos para que os jovens tenham acesso a elas e que, ao mesmo tempo, possam expressar-se de maneira reflexiva, crítica e lúdica através dessas novas formas comunicativas: multimídias, realidade virtual, Internet...

A escola deve proporcionar os elementos necessários para que os alunos compartilhem aspectos da sociedade global que as redes e os demais meios lhes oferecem e, ao mesmo tempo, deve oferecer-lhes elementos para que se reconheçam em sua identidade e em sua dimensão local. Por isso, a educação tem que fortalecer uma formação *glocal*, quer dizer, potenciar os aspectos da cultura global e os aspectos da cultura local.

O objetivo da escola é conseguir que os alunos estejam em contato com as experiências e acontecimentos que ocorrem no mundo e, ao mesmo tempo, fortalecer a identidade cultural, o pertencer a um contexto específico. É conjugar os aspectos distantes e próximos que lhe oferecem, por um lado, a realidade virtual e, por outro, a realidade cotidiana.

Langdon Winner⁷ explicitou alguns dos riscos que a introdução da cultura digital poderia ocasionar. Realizou uma pesquisa com alunos do primeiro ano de Humanidades, na qual lhes perguntava sobre

que livro mais havia influenciado seu pensamento: um terço respondeu em branco, outro terço reconheceu que não lhe ocorria nenhum livro e os demais citaram livros escritos por apresentadores de programas televisivos de grande êxito.

Todos os alunos eram estudantes que haviam obtido excelentes qualificações para entrar na Universidade, mas a prova pela qual haviam passado respondia a critérios de cultura analógicos. Respondia a outro tipo de entender e compreender a informação. Esses estudantes que participaram da pesquisa haviam passado uma parte de suas vidas diante da televisão, haviam estado em contato com jogos informáticos, com computadores. Em resumo, seu contexto cultural se articulava a partir de códigos e recursos catódicos (feitos através de eletrodos) e digitais, seu universo era totalmente diverso do universo do professor.

CULTURA DIGITAL

Winner afirma em seu artigo que os estudantes, hoje em dia, sabem tanto ou mais que os de outros tempos, pois adquirem seus conhecimentos de hipertextos, *CD-Roms*, enciclopédias multimídia, *news* em Internet, páginas *Web* etc. Isso resulta em uma forma particular de organizar a informação e uma forma particular de compartilhá-la com outros e, ao mesmo tempo, põe em evidência dois mundos: o dos docentes, apegados a formas analógicas de informação e comunicação, e o dos jovens, vinculados às formas digitais e virtuais da comunicação.

O termo cultura digital define, em síntese, o novo contexto tecnológico das sociedades onde a informática joga um papel pa-

7. WINNER, L. *Technological Frontiers and Human Integrity* (Fronteiras tecnológicas e integridade humana). In: GOLDMAN, S. L. (ed.) *Research in technology studies* (Pesquisas em estudos tecnológicos). [s.l.]. Lehigh University Press, 1989.

radigmático, através de procedimentos regulados segundo a lógica binária. A informação numérica, visual, textual, gráfica etc. pode ser recolhida, armazenada, processada e transmitida em um mesmo formato digital, o que significa sua standardização perfeita.

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A informação é considerada um bem econômico fundamental, motor do desenvolvimento. O estoque de informação deixou de ser manejável e vivemos um excesso de informação. Um dos grandes problemas com o qual nos defrontamos é como não se perder diante de tantos dados? Como distinguir o imprescindível do supérfluo?

Paralelo ao desenvolvimento da informação, pode-se falar da sociedade da vigilância através dos cartões de crédito ou das câmaras distribuídas em todos os pontos da cidade. Um servidor de Internet, por exemplo, pode ser ótimo para identificar os gostos de um usuário através das buscas que realiza, pode-se conhecer os seus hábitos pelos horários em que se conecta à rede etc. Do mesmo modo o uso de um cartão de crédito permite conhecer os bairros, cidades e regiões pelas quais circula o usuário, suas necessidades e os *hobbies* que tem, através das compras que realiza, bem como saber de que tipo de consumidor se trata, qual é sua classe social, o motivo da compra etc.

Esta sociedade que nos provê de tanta informação, utiliza também sistemas de informação extremamente sofisticados para o controle social. Não é necessário força policial, nem câmaras de vídeo que permitem vigiar de alguma forma os cidadãos: há for-

mas invisíveis de vigilância e controle através da tecnologia que utilizamos.

A partir dessas observações são pertinentes algumas perguntas: de que forma a Educação para os Meios pode desenvolver procedimentos éticos objetivando conhecer e compreender os alcances reais da sociedade da informação? De que maneira os cidadãos defenderão seus direitos sobre a circulação da informação e sobre a difusão e circulação de seus próprios dados?

NOVAS TECNOLOGIAS

Toda nova tecnologia da comunicação costuma despertar a possibilidade de uma maior democratização das comunicações.

Faz anos que assistimos à difusão por parte de empresários, comerciantes e políticos de certas palavras que atribuem características específicas aos produtos ou produções. Um desses termos que está na boca de muita gente é a interatividade. A interatividade implica uma participação ativa de todos com a máquina, deslocando o sentido, pois interação é processo que se dá entre grupos humanos. Porém, a maioria das vezes em que participamos de um produto *interativo*, a única ação que podemos realizar é reproduzir o itinerário desenhado previamente pelo programador do produto⁸.

A possibilidade de produzir significados ou textos próprios é escassa e menos ainda se pode ter a possibilidade de uma intervenção direta na produção de uma mensagem a partir de uma perspectiva estética, argumentativa, ideológica etc.

8. No Brasil vários programas de televisão propõem-se como interativos. Pode-se citar como exemplo: *Você decide*, no qual o público escolhe, entre duas possibilidades, o final da história; *Fantástico*, que disponibiliza o número de telefone para que o público escolha, entre duas ou três possibilidades, a reportagem para o próximo programa; e os *spots* da propaganda do *Intercine*, horário destinado a filmes a partir da escolha, pelo público, entre as três possibilidades apresentadas pela emissora. (N. Ed.)

Nesse sentido, Michel S en ecal assinala que "a facilidade com que se aplica o adjetivo *interativo* a diversas tecnologias relacionadas com os meios de comunicação de massa sem dot  -lo de um sentido preciso permite pensar que esta palavra sirva não para descrevê-las, mas sim para fazê-las comercialmente atrativas, para dar-lhes simbolicamente um valor agregado. Isso porque não h a forosamente uma correspondência entre o grau de interatividade de um dispositivo técnico e o nível de democratização do meio. Quando se diz que um sistema é *universal, bidirecional e interativo*, cabe perguntar-se como vão ser aproveitadas essas propriedades, quem vai utiliz  -las e com quem, e sobre o que versará a comunicação"⁹.

Ante a aparição de uma nova tecnologia – e, nos pr oximos anos, surgirão muitos dispositivos oferecendo sempre novos e extraordinários serviços propondo uma maior interatividade e uma maior participação dos *usuários* – h a que desenvolver mecanismos, atitudes, critérios com o fim de reconhecer-se estamos frente a uma visão tecnicista e clientelista do que nos oferecem ou se, pelo contrário, propõe-se outro tipo de relação dos *usuários* com o produto e com o resto das comunicações.

S en ecal afirma que "as tecnologias interativas continuarão constituindo-se em simulacros de participação social, a não ser que os cidadãos se mobilizem em favor de uma forma mais aberta e igualitária de democratização dos meios de comunicação"¹⁰. Que papel vai jogar a Educação para os Meios no novo contexto tecnológico? De que instrumentos deve se servir esta disciplina para formar cidadãos reflexivos e críticos que possam distinguir uma estratégia de

marketing de um recurso que propõe possibilidades reais para a constru o e desenvolvimento do pensamento?

PENSAMENTO COLETIVO E OPINIÃO PÚBLICA

A televisão, mais que qualquer outro meio de comunicação, nos introduziu a idéia de estarmos conectados coletivamente com outras pessoas. Uma informação internacional nos conecta coletivamente com esse lugar que é mostrado, ainda que não compartilhemos o critério que este meio utiliza para informar. O pensamento coletivo que se constrói em escala planetária se forma naqueles países que melhor controlam a televisão e que geram, produzem, distribuem a informação em escala internacional. Podemos dizer que a televisão conformou uma forma estereotipada de representação relativa ao conflito que mostra. Isto permite que quase todos tenhamos as mesmas idéias sobre o Iraque ou a Bósnia.

Nos últimos anos a televisão está deixando de ser o meio através do qual se forma a opinião pública. O novo espaço da opinião pública está gestando-se nas redes. Através das redes está se conformando uma nova opinião pública, mais aberta e mais coletiva, ainda que dia-a-dia a indústria do *marketing* procure transferir os esquemas representacionais e as estratégias dos meios convencionais para o novo meio. O pensamento coletivo pode construir-se com olhares diferentes e a partir de distintos lugares. E os próprios protagonistas de um acontecimento podem informar, a partir de seu ponto de vista, acerca de um fato que pode en-

9. S EN ECAL, M. *La interactividad conduce a la democracia?* (A interatividade conduz à democracia?). *El Correo de la Unesco*. Paris, fev. 1995.

10. S EN ECAL, M. *La interactividad... op. cit.*

trar em conflito com o que mostram as grandes cadeias de televisão ou a imprensa. O que pode proporcionar a Educação para os Meios para que a Internet continue a ser um espaço de dissidência, confrontação, heterogêneo, que incorpora diferentes pontos de vista? Como podemos utilizar esta tecnologia para fomentar modelos comunicativos democráticos em contextos educativos? Que elementos de análise devemos proporcionar a nossos alunos que se movem no *ciberespaço*? Que tipo de discurso e narrativas circulam na rede e que instrumentos oferecemos para sua desconstrução?

FUSÃO DE EMPRESAS

No novo contexto internacional das comunicações estamos assistindo à concentração de muitas empresas de mídia e de telecomunicações. Assim, empresas espanholas, portuguesas, inglesas e norte-americanas se fundem com o fim de controlar as telecomunicações em parte da América Latina, África, Ásia. O mesmo ocorre com as empresas italianas, francesas ou alemãs que se fundem com outras tantas com o fim de operar em diferentes lugares do planeta. Por exemplo, a Argentina está em mãos da Telefônica espanhola e da Telecom italiana; o governo brasileiro já autorizou a privatização da Telebrás e um forte candidato a comprar boa parte dessa empresa é o consórcio formado pela Telefônica espanhola¹¹. Não se trata só de possuir o maior capital acionário de telefonia de um país e sim de possuir também o

controle de todos os meios cuja circulação se faz através do telefone. Considerem que a telefonia e a informática são duas tecnologias que, fundidas, permitem a circulação de imagens, sons, textos. A nova ordem mundial da economia implica uma nova ordem das comunicações. Pode dizer-se que o controle das informações e das comunicações está em mãos de umas poucas empresas situadas nos Estados Unidos, Europa e Japão. No caso da América Latina duas empresas têm presença global: Televisa e Organizações Globo.

Victor Marí Sáez disse que “uma consequência imediata da hiperconcentração multimídia é a uniformidade de conteúdos difundidos e da visão de mundo que estes projetam. Resulta paradoxal que, em um contexto mundial em constante mudança e em que já não servem as referências até pouco tempo úteis para os cidadãos (referências éticas, políticas, religiosas etc.), as representações que os meios nos oferecem são cada vez mais homogêneas e simplificadas”¹².

Esta uniformidade de conteúdo difundido em escala planetária tem um objetivo, que é o desenvolvimento do pensamento único, isto é, uma forma de estender, em nível global, uma só forma de representar e entender o mundo. É assim que a teoria do pensamento único se apresenta como algo natural e irremediável. Diz Marí Sáez: “Inconscientemente, temos a tendência de assumir como normal o que estamos habituados a ver de uma determinada maneira, e automaticamente pensamos que esse é o único modo de representar a realidade”¹³.

11. O sistema Telebrás foi cindido, pelo governo brasileiro, em 22/05/98, em 12 novas empresas *holdings*, abrangendo diferentes Estados do país, tendo como objetivo a privatização do sistema de telecomunicações. Em 29/07/98 essas *holdings* foram privatizadas e o antigo sistema Telebrás passou às mãos de empresas estrangeiras. Espanhóis, italianos, portugueses, americanos e japoneses tornaram-se proprietários de nove das 12 *holdings*. (N. Ed.)

12. MARÍ SÁEZ, V., APARICI, R. **Curso de medios de comunicación y manipulación** (Curso de meios de comunicação e manipulação). Madrid: UNED, 1997.

13. MARÍ SÁEZ, V., APARICI, R. **Curso de medios...** *op. cit.*

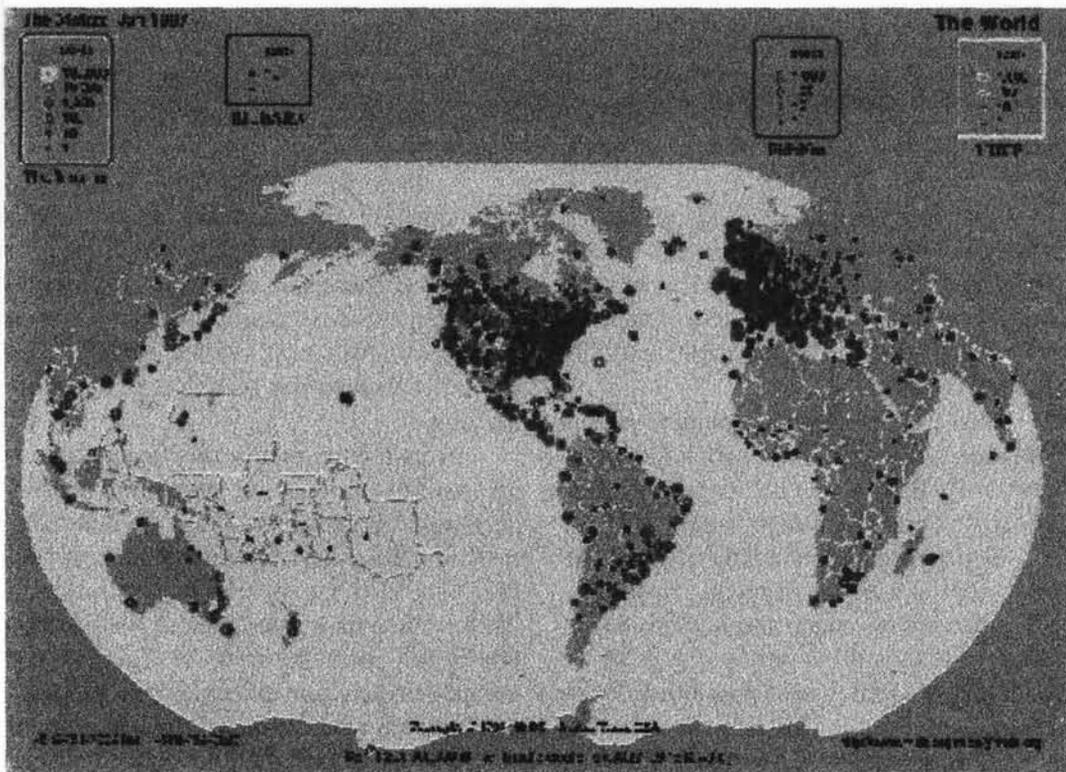
Agora, mais do que nunca, estamos ameaçados por uma forma de totalitarismo invisível, proveniente da concentração dos meios de comunicação que se dá em escala mundial e que nos oferece uma só maneira de pensar, uma só forma de entender os conflitos, uma representação do que nos rodeia repetida até o infinito.

De que maneira a Educação para os Meios pode oferecer propostas distintas para a compreensão do contexto global e do local? Quais são os valores dominantes que transmitem a ideologia do pensamento único nos diferentes meios de comunicação? Que estratégias podem desenvolver-se a partir da Educação para os Meios com o fim de formar para a divergência, a reflexão, a autonomia e a crítica? Que se pode fazer, no

âmbito da Educação para os Meios, com a finalidade de combater o pensamento único? Que tipo de atividade têm que realizar os alunos na escola, no bairro, ante a perspectiva da globalização que estamos vivendo? Quais são as características do totalitarismo que resulta da concentração dos meios? Que formas assume o totalitarismo invisível que propõe o pensamento único? Como a Educação para os Meios pode fazer visível os mecanismos que põem em funcionamento o pensamento único?

PARTICIPAÇÃO NA REDE

Observando o seguinte planisfério elaborado pela Internet Society em 1997, comprovamos que a maioria dos países estão conectados à Internet.



	Conectados à Internet (janeiro 1998)	População Mundial	Relação n° hab./pessoas conectadas
Mundo	107.000.000	5.372.000.000	50/1
África	1.000.000	685.000.000	685/1
Ásia Pacífico	14.000.000	3.254.000.000	232/1
Europa	20.000.000	533.000.000	27/1
Oriente Médio	5.250.000	220.000.000	42/1
América do Norte	70.000.000	376.000.000	5/1
América do Sul	1.250.000	304.000.000	243/1

Fonte: Nua Internet Surveys (1988), Unesco (1992) e Carlos Busón.

No caso da América do Sul, deve indicar-se que o Brasil é o país que, em janeiro de 1998, tinha maior número de conectados, com quase um milhão de usuários e 150 milhões de habitantes. A Colômbia contava com uns 60 mil conectados e mais de 30 milhões de habitantes e a Argentina, com 150 mil conectados e mais de 30 milhões de habitantes.

De que maneira articular uma estratégia de Educação para os Meios em um mundo globalizado economicamente e onde as novas tecnologias são de acesso desigual no Norte e no Sul? Que modelos de democracia, participação, solidariedade, justiça pode se aplicar com esse desequilíbrio? Como podem circular os países que estão no Sul em *autopistas* às quais só têm fácil acesso os países que estão no Norte? Quais serão as consequências deste desequilíbrio?

INFORRICOS OU INFOPOBRES

O grupo G-7, formado pelos sete países mais industrializados do mundo (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Canadá), colocou que o acesso à

rede tem que ser considerado um serviço universal como é o telefone. Isto não significa que não se mantenham as distinções entre aqueles grupos, países ou regiões que podem ter acesso fácil à informação e aqueles outros "*nascidos sem informação ou naufragos das autopistas da informação*". Isso quer dizer que as tecnologias podem converter-se em abismos que fazem crescer ainda mais as diferenças entre os que podem ter acesso à informação e aqueles que não poderão ter acesso nunca.

Compete à Educação para os Meios oferecer instrumentos para que os cidadãos possam analisar, compreender e criticar o contexto comunicacional no qual vivem, extremamente conectado ao modelo econômico vigente.

A Educação para os Meios, no contexto de globalização que estamos vivendo e que será ainda mais profundo nos próximos anos, deve desenvolver:

- novas teorias e paradigmas vinculados ao novo contexto comunicacional e informacional;
- metodologias para a alfabetização informacional e tecnológica;

- metodologias de análise com o fim de compreender a estrutura narrativa que os novos meios oferecem;
- metodologias para analisar os discursos do *ciberespaço*;
- metodologias para a formação *glocal*;
- a dimensão ética em relação aos novos meios;
- a formação de redes virtuais e reais;
- conceitos como identidade, telepresença, liberdade, democracia, participação coletiva... em função da sociedade da informação que se está construindo;
- procedimentos para reconhecer as formas que o pensamento único assume nos diferentes meios;
- metodologias para estudar as formas de representação que os novos meios utilizam;
- procedimentos e metodologias que possibilitem a formação para a cidadania e a comunicação;
- estratégias cidadãs para lutar contra as novas formas de totalitarismo que se articulam através da globalização da economia e a hiperconcentração de meios.

As mudanças a que estamos assistindo no campo da comunicação são totalmente novas e nos exigem desenvolver novas teorias e práticas no campo da Educação para os Meios. Ainda que já tenhamos um trabalho realizado e que pode dar-nos algumas pistas sobre como abordar o futuro, está tudo por fazer-se.

É como se estivéssemos enfrentando a necessidade de uma nova alfabetização. E quando digo alfabetização, faço-o nos mes-

mos termos de Paulo Freire, quer dizer, uma Educação para os Meios como prática para o exercício da cidadania e da democracia.

Em 10 de dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou e proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Transcrevemos¹⁴ em seguida alguns artigos:

Art. XIX. Todo homem tem o direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios independentemente de fronteiras.

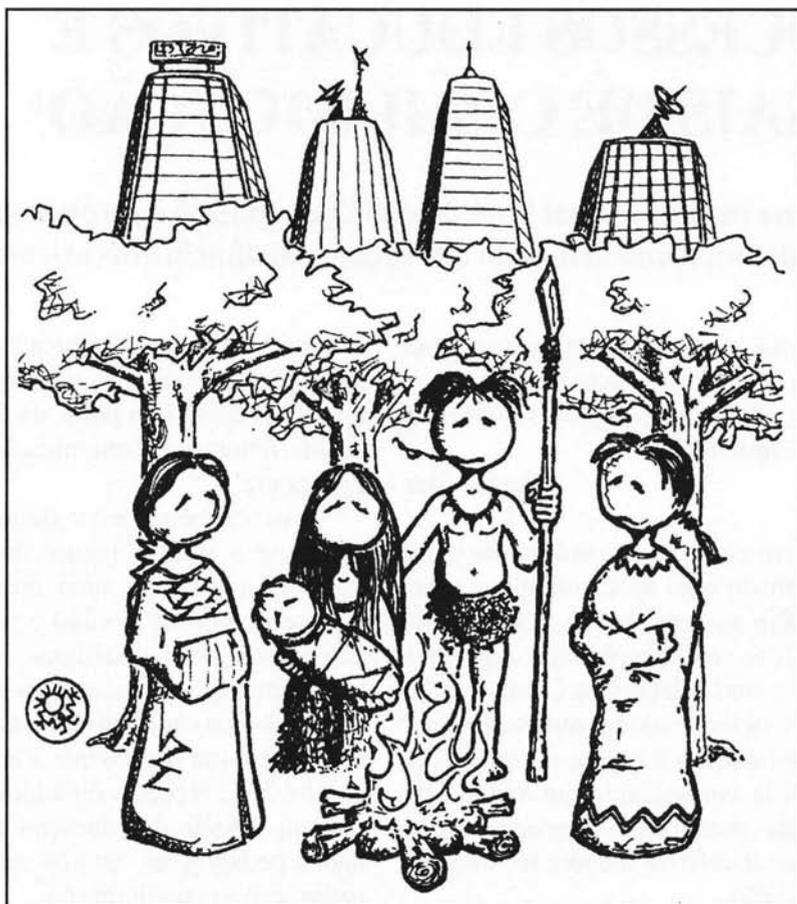
Art. XVI. 1. Todo homem tem o direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

Art. XXVII. 1. Todo homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

Art. XXIX. 1. Todo homem tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

14. Trecho extraído, conforme indicação do autor, do texto integral da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, que pode ser consultada em: **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 3, maio/ago. 1995. p. 12-17. (N. Ed.)



César Rodríguez, Colombia

Resumo: O artigo discute as perspectivas que se apresentam para a Educação para os Meios no mundo globalizado. Ressalta a necessidade de se atentar para o aprofundamento das desigualdades socioeconômicas e da concentração do acesso às informações e ao conhecimento que as tecnologias promovem, tornando ainda mais excluídas as populações do hemisfério Sul. Aponta a importância de a Educação para os Meios estar comprometida com a democratização do acesso, da produção e circulação de conhecimento, buscando a construção de uma sociedade produtiva, justa e coesiva; e a formação da cidadania local e global.

Palavras-chave: globalização, Educação para os Meios, cidadania, exclusão, Internet, fluxos de informação

Abstract: The article discusses the perspectives that are presented to Education for the Media in the globalized world. It stresses the need to be aware of the increasing socioeconomic inequalities and in the access to the information and to the knowledge that technology promotes, making the Southern Hemisphere populations even more excluded. It points out the importance for Education for the Media to be committed to the democratization of the access to knowledge production and circulation, aiming at the construction of a productive, united and coherent society; and at the formation of local and global citizenship.

Key words: globalization, Education for the Media, citizenship, exclusion, Internet, information flow